

RAÍZES E FRUTOS

Pedro Vaz Patto

A Comissão Europeia declarou este ano de 2018 *Ano Europeu do Património Cultural*. Segundo o coordenador nacional desta iniciativa, Guilherme d'Oliveira Martins, o seu objetivo é «sensibilizar para a história e os valores europeus e reforçar o sentimento da identidade europeia». Não se trata, pois, apenas de conservar monumentos e relíquias do passado; valorizar o património cultural europeu assume grande importância perante os desafios da atualidade, quando o projeto de unidade europeia enfrenta uma grave crise de confiança, talvez a mais grave da sua história. Reforçar o sentimento de identidade europeia é o primeiro passo para fazer nascer entre os europeus um verdadeiro sentimento de pertença a uma comunidade. O sentimento de pertença a uma comunidade nacional é notório em Portugal e sente-se não apenas quando a seleção nacional ganha o campeonato europeu de futebol, mas sobretudo em momentos de dor, como os dos incêndios do ano passado, em que chegam às zonas sinistradas ofertas de emigrantes portugueses espalhados pelo mundo e em que nas zonas poupadas à tragédia se espalham cartazes com os dizeres *a alma no litoral e o coração no interior*. É certo que o sentimento de pertença a uma comunidade europeia nunca substituirá o sentimento de pertença às várias comunidades

nacionais, mas algo de semelhante, como um sentimento de pertença a uma mesma família de nações, deveria nascer. Só ele permitirá a consciência de um bem comum europeu, que supera uma visão estreita do interesse nacional e permite aos povos do Norte sentir como seus os problemas dos povos do Sul, aos povos do Ocidente sentir como seus os problemas dos povos do Leste, e vice-versa.

Ora, esse sentimento de pertença a uma comunidade europeia só pode nascer, como nasceu o sentimento de pertença à comunidade nacional, a partir da consciência de uma história comum, de raízes culturais comuns (daí a importância do património cultural europeu) e de valores comuns, que também se ligam a essa história e a essas raízes.

Vem à mente, a este propósito, a polémica em torno da omissão da menção explícita às raízes cristãs da Europa no preâmbulo do Tratado constitucional da União Europeia (que, de algum modo, procura servir de "bilhete de identidade" da Europa). Numa das propostas a seu tempo apresentadas, a referência à história da Europa saltava diretamente da Grécia para o iluminismo. Notei algo de semelhante quando visitei, em Bruxelas, a recém-inaugurada *Casa da História Europeia*, onde esta história parece começar na Revolução Francesa, como se não tivesse havido antes uma Europa

unida em torno dos mosteiros, das catedrais e das universidades, Seja como for, a versão desse preâmbulo que veio a ser aprovada, embora omita a referência explícita ao cristianismo, contém uma sua referência implícita quando alude ao «património cultural, religioso e humanista da Europa de que emanam valores universais que são os direitos invioláveis e inalienáveis da pessoa humana, bem como a liberdade, a democracia, a igualdade e o Estado de Direito».

Mas importa salientar que o contributo dos cristãos para o projeto da unidade europeia não diz respeito apenas às raízes cristãs da Europa. É um contributo para o presente e para o futuro. Isso mesmo foi salientado no congresso *(Re)Pensar a Europa – um contributo cristão para o futuro do projeto europeu*, realizado em outubro passado, no Vaticano. E é o que tem salientado a iniciativa *Juntos pela Europa* (www.together4europe.org), de movimentos de várias denominações cristãs, a que já nos temos referido nesta revista.

Por outro lado, como também nessas duas iniciativas se salientou, e continua a salientar, o património da cultura cristã europeia, não é como uma propriedade de que pessoas de outras religiões ou convicções devam sentir-se excluídas, mas um património a doar e a partilhar com todos. Porque é precisamente a fidelidade a esse património, a coerência com o amor cristão que não faz aceção de pessoas (*Tg 2, 1-9*) e não discrimina, que leva ao acolhimento de todas essas pessoas.

Em suma, a Europa deve reavivar as suas raízes cristãs, mas precisa sobretudo dos frutos da vida dos cristãos hoje. ●